



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol. 16, número 1, jan-jun, 2023, pág. 198-217

O luto e seus desdobramentos na existencialidade adolescente:

relato de experiência no Plantão Psicológico em escolas públicas!

Mourning and its unfolding in adolescent existentiality: experience

report in the Psychological Duty in public schools!

Gabriel Fernandes Carvalho Prestes

Atália Maria Schaeken Silva

Débora do Vale Santos Nunes

Rosangela Monteiro Lobato Balieiro

Ewerton Helder Bentes de Castro

Resumo

Continuamente somos assaltados por situações que nos tiram do lugar até então considerado seguro. Conviver com a perda de alguém significativo é algo que, dada a afetividade aí presente, perdura por longo tempo. Compreender o desdobramento da perda na existencialidade adolescente sob o viés da Psicologia Fenomenológico-Existencial é o objetivo deste estudo. O tipo de estudo está inserido no viés qualitativo e o método utilizado o fenomenológico-psicológico que sofre adaptações para a apresentação do discurso dos adolescentes. Foram participantes 3 adolescentes com idades de 12, 18 e 19 anos, regularmente matriculadas em escolas da rede pública de ensino em Manaus, nos níveis fundamental, médio e médio, respectivamente. Os discursos nos traduzem a dor e o sofrimento por perdas através do óbito de figuras grandemente significativas na vida de cada uma delas. Conclui-se que a lacuna deixada por essas perdas, a vacuidade na existencialidade das participantes foi acolhida, escutada e cuidada pelos estagiários no Plantão Psicológico.

Palavras-chave: Perdas significativas, plantão psicológico, existencialidade adolescente, psicologia fenomenológico-existencial.

Abstract



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

We are continually assaulted by situations that remove us from the place that until then was considered safe. Living with the loss of

someone significant is something that, given the affectivity present there, lasts for a long time. Understanding the unfolding of loss in adolescent existentiality from the perspective of Phenomenological-Existential Psychology is the objective of this study. The type of study is inserted in the qualitative bias and the method used is phenomenological-psychological, which undergoes adaptations for the presentation of the adolescents' discourse. Participants were 3 adolescents aged 12, 18 and 19 years old, regularly enrolled in public schools in Manaus, at elementary, middle and high school levels, respectively. The speeches translate the pain and suffering of losses through the death of highly significant figures in the lives of each one of them. It is concluded that the gap left by these losses, the emptiness in the existentiality of the participants, was welcomed, listened to and cared for by the interns in the Psychological Duty.

Keywords: Significant losses, psychological duty, adolescent existentiality, phenomenological-existential psychology.

Introdução

Compreender a dimensionalidade do existir adolescente diante de uma perda significativa, trazida até nós no aconselhamento psicológico, significa que precisamos desdobrar a temática apresentando o Plantão Psicológico, a adolescência, luto, o luto sob o viés da Fenomenologia.

Plantão psicológico

O que seria plantão psicológico? Castro e Meira (2022) afirma que o plantão se baseia no estar profissional de forma plena ao outro em sofrimento psíquicos e suas nuncias. Desta forma, acolhendo, escutando e cuidando da situação da situação de emergência trazida por esse outro e o que tem mobilizado de modo infreme e grandioso seu cotidiano e, conseqüentemente, suas configurações relacionais.

O plantão psicológico é uma proposta de acompanhamento psicológico que surge no sentido de contribuir com essa pessoa e a



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

problemática pela qual está passando, não há um tempo determinado e, no caso do plantão vivenciado em escolas públicas em Manaus, o tempo de aconselhamento varia de 50 minutos a 2h50minutos. O objetivo é alcançar todas as pessoas e em quaisquer crises existenciais experienciadas naquele momento ou há algum tempo, possibilitando que esse Outro consiga perceber as estratégias de enfrentamento que possui, redimensionando seu olhar sobre si mesmo e sobre o que está ocorrendo. Aspecto presente e que consideramos de extrema importância é o fato de que não há necessidade de agendamentos, o adolescente se dirige por livre e espontânea vontade.

No plantão psicológico (PP) nas escolas públicas objetivo é auxiliar o adolescente em um a cinco encontros, onde são aprofundadas e ampliadas as discussões acerca do que está vivenciando, buscando a compreensão do mundo-vivido. Convém lembrar que somente a partir da quinta supervisão, ou seja, do quinto aconselhamento e, em supervisão, percebermos que há necessidade de acompanhamento terapêutico, o discente é encaminhado para a rede de apoio do projeto, a saber: clínicas-escola de 7 cursos de Psicologia em Manaus, alunos do estágio supervisionado.

É de competência do PP a escuta de forma ativa, a possibilidade do adolescente através da fala, conseguir compreender as várias dimensões socioculturais e históricas nas quais está inserido e, com isso, entender as transformações trazidas à sua vida pela situação experienciada e que o retirou de um locus até aquele momento considerado seguro. É a busca por fatores protetivos e de risco presentes em seu contexto existencial.

Alguns autores têm desenvolvido estudos sobre o Plantão Psicológico e suas dimensionalidades em nosso país (Mahfoud (2012, 2018); Doescher & Henriques (2012), Scorsolini-Comim (2014, 2015),



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Schmidt (2015), Farinha & Souza (2016), Vendramel, Pocaia & Santos (2017), Vilella e Souza (2018). Há unanimidade, entre estes

pesquisadores, sobre a importância de a Psicologia desenvolver atividades em que a escuta, o acolhimento e o cuidado sejam a tônica da proposta, contribuindo enormemente para a compreensão da pluridimensionalidade do existir adolescente.

O Plantão Psicológico em Escolas da rede pública de ensino em Manaus, foi proposto devido à preocupação de gestores e corpo técnico das escolas no que tange ao comportamento adolescente observado, nos níveis do ensino fundamental e do ensino médio, em que situações repetidas cotidianamente estavam sendo o móvel de inquietação na instituição escolar, quais sejam: comportamentos auto destrutivos e auto lesivos, consequências da violência doméstica no processo ensino-aprendizagem e nas relações institucionais, abuso sexual, crises de ansiedade e angústia no ambiente escolar, agressividade, dentre outros.

Neste momento, será exposto um referencial não muito extenso sobre esta fase do desenvolvimento a que é destinado o Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus, os adolescentes, a adolescência, o adolescer.

Adolescência

A adolescência é a fase onde todos nós já fomos ou ainda somos. É algo que a maioria já teve contato. Talvez, esse contato não tenha sido tão bom ou agradável para alguns, para outros possa ter sido leve e sem muitos “conflitos”, mas o que sabemos é que a adolescência é real.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Do latim, *adolescere*, adolescência teria um significado mais próximo de “para crescer” (Coutinho,2009). É neste estágio que há, majoritariamente, mudanças fisiológicas, marcando início dessa fase.

Uma fase que é a transição do mundo infantil, daquela simbolização para algo mais real, mais voltado ao social, mais adulto (Erickson,1976). A fase é marcada por incertezas e inquietações, tendo em vista que, cotidianamente vivencia um processo de descobertas de si mesmo. São mudanças físicas, pois há o surgimento dos caracteres sexuais secundários; psíquicos pois muitas vezes, não conseguem conviver com as mudanças relativas à vivência da sexualidade, às configurações relacionais pelas quais transitam, sentir-se pertencendo a um grupo e as normativas oriundas dessa grupalidade.

É na adolescência que o indivíduo traça algumas de suas características que levará, possivelmente, até o final de sua vida. Acontece que na adolescência é onde buscamos iniciar, a nosso ver, a busca pela identidade inerente ao caminhar de cada um em seus vários contextos socioculturais. O que, sem dúvidas, promove uma série de questionamentos e proposituras diante da vida, tendo em vista que, o adolescente sofre cobranças de todo o grupo a qual pertence e, maioria das vezes, estabelece, para si mesmo, a exacerbação da autocobrança.

Vale ressaltarmos que no Brasil, mediante a visão jurídica, o período de adolescência está entre os 12 aos 18 anos de idade, uma fase singular do desenvolvimento humano (Brasil 2010). Enquanto que a Organização Mundial de Saúde (WHO), considera essa fase de 12 a 19 anos.

Fase de contínuas inquietações, a adolescência é o próprio movimento. Considerando o contínuo movimento, inúmeras situações ocorrem nesse período e o adolescente, muitas vezes, não consegue



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

lidar com a difusa rede de significados que em sua vida se instaura. Sim, é preciso convir que o indivíduo nessa fase do desenvolvimento é lançado, literalmente, em situações sob o aspecto do extremismo, o que significa no dizer do senso comum que é oito ou oitenta.

Entretanto, um aspecto é muito presente no adolescer: várias perdas. Com o advento dos caracteres sexuais secundários, como citado anteriormente, uma variedade de transformações ocorre nos níveis físico e psicológico. Se torna necessário conhecer e reconhecer o novo corpo que se apresenta, tendo em vista as mudanças faciais e corporais como um todo que se fazem presentes, desde a acne que teima em surgir de modo brusco e inexorável à mudança de voz no gênero masculino, ao surgimento dos seios no gênero feminino, aos pelos localizados em determinadas regiões, principalmente os púberes.

Concomitantemente, o surgimento do desejo, da necessidade de se provar a si mesmo sob vários aspectos, a socialização necessária e muitas vezes causadora de sofrimento e sentimento de rejeição ou de superioridade em relação a determinado grupo que compreende como necessário “seguir”, “fazer parte da tribo” e, nesse ínterim, o que é dito em casa, pelos pais, maioria das vezes deixa de ter a importância que um dia já teve. Enfim, adolescer é literalmente aprender a partir do caos, do movimento que se instaura orgânica e psiquicamente.

Conquanto a dimensão das várias modificações que está experienciando, podem sobrevir situações em que as perdas são inesperadas, difíceis, imensuráveis, o que nominamos de luto, sobre o que discorreremos em seguida.

E o luto se faz presente

O luto está relacionado a perda de algo significativo no viver de algum ser. Não refere-se somente ao falecimento dos entes queridos, mas também agrega-se a diversas perdas do cotidiano (Ramos, 2016).



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Intrínseco ao adolecer, observamos que há diversos lutos tanto de forma simbólica/psicológica, como também, referente ao falecimento de figuras de expressão. Os lutos simbólicos que cooperam para a formação de uma identidade dos adolescentes. Dentre eles: o luto do corpo infantil; o luto da infância e o luto dos pais (Medeiros & Calazans, 2018). Entretanto, existem lutos cuja dimensionalidade atinge o adolescente de modo abrupto e incompreensível, como os de entes queridos e que na compreensão de Almeida (2015, p.2):

o luto pelas pessoas que amamos é vivido de maneiras e com intensidades diferentes, dependendo do que foi investido na relação de afeto com quem partiu.

Na perspectiva fenomenológica, o luto pode acarretar uma espécie de diminuição do sentido de existir, uma experiência de sofrimento profundo, em que as relações que tinha com determinado Outro são interrompidas, causando um abalo no ser-no-mundo (Freitas, 2018). Vejamos o que nos traz o arcabouço teórico da Fenomenologia-Existencial no que tange esta temática.

Ser-no-mundo, sendo!

Heidegger (2013), Castro (2019, 2020, 2021), compreendem o ser humano como lançado no mundo, sob a ação de facticidades que o açoitam cotidianamente, retirando-o do locus até aquele instante considerado e vivido como seguro. Somos seres de facticidades, expostos a situações inesperadas, impactantes, surpreendentes.

Nosso dia a dia é marcado, desde o nascimento, pela presença constante do Outro. Um Outro que nos acompanha, nos permite observar nossa própria trajetória, me permite reconhecer em quem me tornei e como sou. E nesse transitar, convivo com pessoas que me são



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

significativas, a quem devo solicitude, cuidado, respeito. Enfim, pessoas que me impelem a buscar cada vez mais a mim e ao que quero para mim em minha temporalidade, meu futuro, meu presente e me reconheço em meu passado, as eks-tases são minha existencialidade, minha existência, meu ek-sistir.

Heidegger (2013) ressalta que ser-no-mundo é ser-de-cuidado. A que cuidado se refere o filósofo? Ao cuidar de mim, do Outro, do mundo me compreendendo lançado, exposto a facticidades, mas sendo de possibilidades. Sou factível em meu existir, contudo, sou abertura, que é vivenciada na minha relação com o Outro, na minha possibilidade em ser devir. Meu olhar se volta para esse Outro no sentido de caminhar junto a ele, sem, contudo, tomar para mim a tomada de decisão e a liberdade dele em realizar por si mesmo. É a solicitude nominada pelo filósofo da Floresta Negra.

Diante às facticidades que advém em nosso dia a dia, somos chamados a tomar decisões e a realizar escolhas, afinal, somos seres de escolha. Entretanto, como está se dando essa escolha? Como tenho viabilizado minha autenticidade em realizar meus enfrentamentos de forma a que essa ação propicie meu crescimento enquanto ser humano em e na relação. Muitas das vezes, apenas sigo a massa, literalmente, me deixo, me permito levar pelo entorno e não tomo para mim a responsabilidade por meu próprio caminhar. Como nos fala Castro (2020, 2021) o meu olhar se distancia de mim mesmo e apenas sigo o movimento, esquecendo que sou o próprio movimento. É quando a perda ou a possibilidade da perda desse Outro que me é significativo me anula o ato de caminhar.

Para o filósofo alemão, compreender o ser humano como ser-no-mundo é ir ao encontro do Outro, é redimensionar meu olhar sobre a vida, inclusive, e me posicionar junto a ele no que tange a entender o sentido, o significado que atribui a si mesmo e à vida. O sentido é que



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

representa o fenômeno em si mesmo, pois é o mesmo que traz a dimensão da situação vivida. Diante de uma perda significativa, o luto daí resultante é diretamente proporcional ao sentido que direcionei à essa perda. Muitas das vezes, oblitero o ser-quem-sou diante da perda e nesse movimento, recuo de ser eu mesmo. Sou dor, sofrimento. Sou a própria perda!

Para Heidegger (2013) somos ser-para-a-morte, ou seja, existe a certeza da finitude do humano, o limite de todos nós, a morte. Entretanto, o filósofo não reflete a morte como um fim em si mesma, mas, o que podemos estar realizando em sabendo-nos finitos, sabendo-nos limitados por uma condição que é inerente ao humano. Assim, pensar a possibilidade da morte é também pensar na possibilidade de meu próprio crescimento, é pensar em mim como um ser-possível.

Entretanto, lidar com a perda nem sempre é considerado o que o filósofo ressalta. Maioria das vezes, adentramos pela perda como verdadeiro caos de sentimentos e emoções. E, na adolescência, fase em que tudo é vivido sob extremos, exponencialmente.

Método

O presente estudo teve como viés o aspecto qualitativo em pesquisa que, de acordo com Minayo (2015) corresponde a aspectos muito particulares. A preocupação é com a realidade que não pode ser mensurada, quantificada, ou seja, trabalhamos com sentido, crenças, motivos, aspirações, valores, associando-se ao espaço profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem reduzidos a uma interação de variáveis. O significado seria o conceito central desse tipo de estudo, trabalhando vivências, experiências e a cotidianidade (Minayo, 2015; Giorgi & Souza, 2010).



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

O estudo de caso, por sua vez, nos permite aprofundar em nuances e detalhes da situação-foco (Castro, 2019).

Participantes: adolescente de 17 anos, autodeclarado gênero feminino, 3º ano do Ensino Médio, perda da mãe; adolescente de 19 anos, autodeclarado gênero feminino, 3º ano, perda do bisavô; adolescente de 12 anos, 7º ano, autodeclarado gênero feminino, perda da mãe.

Local: Em uma escola a sala de música e na outra uma sala previamente destinada ao Plantão Psicológico.

Turno: Matutino

Análise dos dados: Foram coletadas falas dos adolescentes durante o aconselhamento, resultando na adaptação do método proposto por Giorgi & Souza (2010) e Pereira & Castro (2019). As falas trazidas representam as Unidades de Significado, as mais significativas e que representam a perda ocorrida e a vivência do luto. Em seguida, essas Unidades de Significado são trabalhadas a partir de sua perspectiva psicológica. O que esse outro está querendo me dizer naquilo que diz? O que consubstancia sua fala? O que trouxe sua linguagem?

Logo em seguida foi realizada a imbricação das falas identificadas com a perspectiva teórica da Psicologia Fenomenológico-Existencial em Heidegger (2013) e Castro (2020, 2021).

Resultados e Discussão

Neste momento, traremos as falas dos discentes e o olhar que lançamos sobre o dito a partir da teoria fenomenológica.

São adolescentes de escola pública estadual de ensino e procuraram espontaneamente o plantão psicológico, momento em que trouxeram o que as estava inquietando.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Minha mãe faleceu em 2018, foi um acidente [...] ela ficou impossibilitada de andar e foi diagnosticada com uma doença autoimune [...] minha mãe daquele jeito e meu pai pediu a separação (**Vitória-régia, 17 anos, aconselhamento realizado em setembro, 2022**).

Sob quais perspectivas poderemos compreender a dor de Vitória-Régia? Quais elementos parecem explodir em seu discurso quando se refere a uma perda com a magnitude que vivenciou? Em primeiro lugar, a dor por sua mãe ter sido literalmente arrancada dela, o acidente. Esta perspectiva nos remonta à facticidade, ao ser-factível que cada um de nós é em nossa historicidade.

Conforme pressupõe Heidegger (2013) a facticidade é esse abrupto lançar que vivenciamos diante de situações inesperadas, impactantes e que promovem, maioria das vezes, dor e sofrimento em quem as experiencia. Vitória-Régia foi afastada de sua figura mais significativa de modo brusco, diríamos inclusive aterrador, pois a partir do acidente outros pontos vieram somar-se a esse, por si só, muito doloroso.

Observemos que, além do acidente outra facticidade vem somar-se, a impossibilidade de deambular e o acometimento por doença autoimune. O somatório dessas e, muito provavelmente, em virtude ao quadro em que se encontrava sua mãe, o pai pede a separação. A dor do Outro, conforme diz Castro (2021) me lança na inquietação e no desconforto. Não consigo conviver com a possibilidade da dependência física [no caso da mãe] e isso resulta em uma atitude que poderíamos estar considerando como ilegítima, inautêntica. A forma como Vitória-Régia fala “minha mãe daquele jeito”, mostra seu não entendimento sobre a atitude do pai que se afasta,



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

distancia-se, quando o nicho familiar poderia estar mais unido em torno dessa mãe.

O olhar sobre o Outro é de descontentamento e, como nos diz Castro (2021) no silenciar-se, no afastar-se de mim quando mais necessito de seu apoio, esse Outro me mostra que o vínculo estabelecido não parecia ter a dimensão de verdade que até então propugnava. Vitória-Régia se sente só, lançada na angústia e na perda que ocorre logo em seguida, adentra no âmbito do desamparo. Como nos diz Castro (2009, 2021) ao ser lançado na angústia, o ser humano se percebe desamparado, desesperançoso, sem perspectivas, caracterizando que a angústia é a tempestade do Ser (Castro, 2019, 2021).

Eu nunca tive um pai biológico, ele me abandonou, aliás nem sei quem é, nunca se apresentou. Meu pai de verdade foi meu bisavô [...] ele faleceu no ano passado em virtude de um derrame [...] sinto muita falta dele [...] (**Antúrio, 19 anos, aconselhamento realizado em setembro, 2022**)

A facticidade que se abateu sobre a vida de Antúrio é a vivência de mais que uma perda por morte. É a perda da referência de pai, daquele que a protegeu desde cedo, com quem dialogava, que ensinava, que acreditava nela. O Outro, nesse caso poderíamos dizer O grande Outro deixa de existir conforme houvera ocorrido até aquele momento, ele deixa de estar-comigo. Heidegger (2013) nos diz que ser-no-mundo é ser-com-o-outro.

Ora, ser-com é o mundo-vivido na companhia do Outro, na caminhada com o Outro, no me reconhecer pertencendo inclusive a mim mesmo através do Outro. É nesse mundo de relações que sou lançado a conviver e convidado a crescer, a buscar atingir meus objetivos, a contribuir com o entorno sociocultural e histórico no qual



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

meu cotidiano é efetivo. Entretanto, figuras há que abandonam, distanciam-se e mantêm-se nesse distanciamento por motu próprio, o caso do pai biológico de Antúrio.

Entretanto, a vida lhe traz um bisavô que, conforme suas palavras “meu pai de verdade foi meu bisavô” e, em seu relato traz uma história de reciprocidade, afeto, respeito. Somos, conforme preconiza Heidegger (2013) seres-de-afeto. Imprimo afetividade em todas as minhas ações, em todas as minhas atitudes, corriqueiras ou não. E a afetividade que o Outro me direciona preenche minhas lacunas, preenche a falta de alguém que foi embora [o pai]. Não substituiu, uma vez que, não pode ser substituído algo ou alguém que nunca esteve presente, preenche com afeto e me possibilita ser quem sou, tornar quem me tornei. Afinal, como nos diz Castro (2020, 2021) o mundo me fere e eu a ele me refiro, ou seja, a afetividade é esse sentido de compreender o mundo pelo meu olhar a partir do olhar do Outro.

Para Antúrio, não foi apenas a perda do pai. Foi a perda da referência mais fidedigna de sua vida. Com o falecimento de seu avô, se sente só, na falta constante. Uma lacuna existencial pela perda de um Outro muito significativo é aberta. A existencialidade adolescente passa por transformações, torna-se impregnada pela im-possibilidade, não há um vislumbrar de possibilidades, o que a faz mergulhar cada vez mais em si mesma, tornando-se distanciada de ser quem poderia ser.

Perdi minha mãe quando tinha 5 anos de idade [...] é muito difícil ficar sem minha mãe tão cedo [...] foi acidente de moto, tudo muito rápido [...] de verdade? Eu não entendi o que aconteceu porque era muito pequena [...] não consegui viver o luto [choro] **(Turnera, 12 anos, aconselhamento realizado em maio, 2022).**



Turnera nos traz uma vivência de perda que se faz presente de forma intensa por talvez não ter compreendido a dimensão do óbito de sua mãe quando tinha apenas 5 anos de idade. Assim, anos depois, consegue vislumbrar a dimensão dessa perda pelo fato de não ter vivido o luto. O choro ao falar nisso nos remete ao que Forghieri (2011) compreende como um modo sintonizado de ser, tendo em vista que, a adolescente como que experienciase o cotidiano em função de um luto que não foi compreendido, não foi vivenciado.

É, como diz a autora supra citada que diante de determinadas facticidades que nos ocorrem no dia a dia emitimos uma teoria, racionalizamos – no sentido de utilização do raciocínio – para tentar explicar o que de fato sentimos, como compreendemos essas situações-surpresa. Turnera tem uma irmã mais velha da qual se aproximou e hoje encontra-se distanciada em virtude do relacionamento afetivo dessa irmã “que está diferente”. Mais uma perda se faz presente em sua vida. E nesse momento, ao recordar da irmã, revela que “é quando sinto mais falta de minha mãe”, demonstrando a dimensão de uma perda que, mesmo distante e sem ter tido no momento em que houve o acidente o que esse fato representava, a solidão em que se sente lançada a afeta sobremaneira. Como nos assevera Heidegger (2013) a solidão é um ser-com deficiente, uma vez que, ao isolar-me não estou isolando-me de mim mesmo, mas do Outro, um Outro que é importante para mim, um Outro que me locupleta e me mostra como sou, quem sou e em quem estou me tornando.

Considerações finais

O Plantão Psicológico possibilita a inserção de cada plantonista em um mundo muito singular: a existencialidade adolescente. Pleno em constructos vivenciais, esse “mundo” é vivido, muitas vezes, sob o viés



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

da perda, do sofrimento e da dor causadas pelo distanciamento, por morte ou não, de pessoas muito significativas, tais como mãe e bisavô, presentes nos relatos escolhidos para este estudo.

A perda de pessoa significativa é uma vivência em que sofrimento e dor são contínuos em sua trajetória. E, no caso de nossas participantes, a lacuna que se formou em si mesmas é algo que não conseguem preencher e isso causa estranheza a cada uma delas. Sua caminhada parece plena em espaços a ser consolidados e a existência é pautada por essa vacuidade deixada pela partida desse outro tão significativo.

A escuta realizada no Plantão Psicológico em Escolas públicas se torna um trabalho de extrema importância por poder estar acolhendo jovens que não sabem ou não tem com quem expressar seus sentimentos. E, conforme se percebe na faixa etária dos participantes, não é algo único no que diz respeito a idade, haja vista que, são adolescentes de 12, 18 e 19 anos. Percebe-se uma fase do desenvolvimento como que entregue a si mesma, como se não fosse importante o que sente, o que pensa, como se sente, como se pensa. Precisamos redimensionar nosso olhar sobre a adolescência e, principalmente, sobre as várias perdas aí presentes, algumas muito abrangentes e profundas que, conforme nos disse Turnera: “me levou a praticar a autolesão”, ou seja, reverte contra si mesma a dor que o Outro, em sua falta, faz, caracterizando, assim, a pluridimensionalidade da situação vivida.

São atividades com a natureza do Plantão Psicológico que podem auxiliar os adolescentes a compreenderem as mais variadas situações de perda pelas quais passam, passaram ou estarão passando, pois, é no movimento de acolher, escutar e cuidar que a Psicologia efetiva seu papel como uma profissão de Cuidado e, nesse



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

ato de cuidar, a experiência do en-contro com o Outro que, a partir daí, mergulha em seus propósitos de vida, redimensionando o olhar sobre si, sobre o outro, sobre a vida, sobre o mundo.

Creemos que ao nos colocarmos presentes, verdadeiros e genuínos junto a esse Outro, não indicando o caminho, mas propiciando que se compreenda para além das facticidades e, mais que isso, comece a olhar para si mesmo sem o viés de tantas justificativas, estaremos contribuindo para a formação de um profissional de Psicologia mais comprometido e um jovem que consegue se perceber no próprio caminhar.

*Et in ambulatione mea, possibilitas essendi qui factus sum!*¹

Referências

- Bezerra, Edson do Nascimento (2014). Plantão psicológico como modalidade de atendimento em psicologia escolar: Limites e possibilidades. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 14, n. 1, p. 129-143.
- Brasil (2010). Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. *Diretrizes nacionais para a atenção integral a saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde*. Ministério da Saúde. (Série A. Normas e Manuais Técnicos).
- Castro, Ewerton Helder Bentes de (2017) A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, Ewerton Helder Bentes de (org.). (2017) *Fenomenologia e Psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa*. Editora Appris
- Castro, Ewerton Helder Bentes de (2019) *Práticas de Pesquisa em Psicologia Fenomenológica* – Editora Appris.

¹ E em meu caminhar, a possibilidade de ser quem me tornei! (Castro, 2022)



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

- Castro, Ewerton Helder Bentes de (2020) A clínica psicológica e a pesquisa em seus encontros, des-encontros e re-encontros: desvelando olhares In: Castro, Ewerton Helder Bentes de (Org.) (2020) *Pluridimensionalidade em psicologia fenomenológica: o contexto amazônico em pesquisa e clínica*. – Editora Appris, p. 157-176.
- Castro, Ewerton Helder Bentes de. (2021) Suicídio, autolesão, relações, fatores contemporâneos: a vivência do desamparo sob o viés da Fenomenologia e a clínica dos três olhares In: Castro, Ewerton Helder Bentes de (2021) *Perspectivas em Psicologia Fenomenológico-Existencial: fazeres, saberes e possibilidades* – Editora Dialética, p. 309-330
- Coutinho, Luciana Gageiro (2009) *Adolescência e errância - Destinos do laço social no contemporâneo*. Ed. Nau & Ed. FAPERJ (APQ3). 2009.
- Doescher, Andréa Marques Leão; Henriques, Wilma Magaldi. (2012) Plantão psicológico: um encontro com o outro na urgência. *Psicologia em Estudo*, 17(4): 717-723, out.-dez.
- Farinha, Marciana Gonçalves & Souza, Tatiana Machiavelli Carmo (2016). Plantão psicológico na delegacia da mulher. *Revista da SPAGESP*, 17(1), 65-79.
- Forghieri, Yolanda Cintrão (2011) *Psicologia fenomenológica: fundamento, método e pesquisa*. Pioneira.
- Freitas, Joannelise L. (2018) *Luto, pathos e clínica: uma leitura fenomenológica*. *Psicologia USP*. N1, v.29, pg. 50-57.
- Giorgi, A. & Souza, D. (2010) *Método fenomenológico de investigação em psicologia*. Fim do Século.
- Heidegger, Martin (2013). *Ser e Tempo*. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.
- Mahfoud, Miguel (2018). Subjetividade como acontecimento, central e pessoal e plantão psicológico: horizontes reabertos. In Giovanetti, José Paulo (Org.) *Fenomenologia e psicologia clínica*, ed. Artesã, p. 53-71.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Mahfoud, Miguel (Org.) (2012) *Plantão psicológico: novos horizontes*. Companhia Ilimitada.

Medeiros, Alberto Antunes; Calazans, Roberto (2018). Aproximações entre luto e adolescência. *Rev. SPAGESP* vol.19 no.1 Ribeirão Preto Jan./Jun.

Minayo, Maria Cecília de Souza (2015). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade* - 18 ed. - Vozes.

Pereira, Denis Guimarães & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2019) *Psicologia fenomenológica: o método de pesquisa*. In: Castro, Ewerton Helder Bentes de (Org.) *Práticas de pesquisa em psicologia fenomenológica* – Appris, p.15-32.

Ramos, Vera Alexandra Barbosa (2016) *O processo do luto*. *Psicologia.pt*.

Scorsolini-Comin, Fabio (2015). Plantão psicológico e o cuidado na urgência: panorama de pesquisas e intervenções. *Psico-USF* [online]. v. 20, n. 1

Scorsolini-Comin, Fábio (2014). Plantão psicológico centrado na pessoa: intervenção etnopsicológica em terreiro de Umbanda. *Trends in Psychology Temas em Psicologia*, Vol. 22, nº 4, 885-899 DOI: 10.9788/TP2014.4-16

Schmidt, Maria Luisa Sandoval (2015). Aconselhamento psicológico como área de fronteira. *Psicologia USP*. V. 26, n. 3, 407-413

Vendramel, Mayra Caroline; Pocaia, Patrícia de Oliveira Ferreira; Santos, Laíze da Silva. (2017) A importância do plantão psicológico no ambiente escolar. *Psicologia.pt*. Portugal, p. 1-5, janeiro.

Vilella e Souza, Laura (2018) Aconselhamento psicológico como construção social. *Psicologia: Ciência e Profissão* Abr/Jun. v. 38 nº2, 262-274. <https://doi.org/10.1590/1982-370300376201>.

**Recebido em 17.12.2022 Aceito em: 20.12.2022 Publicado:
01.01.2023**



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Autores

Gabriel Fernandes Carvalho Prestes

Graduando em Psicologia do Curso de Psicologia FAMETRO. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Plantonista do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Diretor acadêmico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM). E-mail: Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2618-9812>

Atália Maria Schaeken Silva

Graduanda em Psicologia pela Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Plantonista do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Diretor acadêmico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM). E-mail: ataliamssilva@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6578-3243>

Débora do Vale Santos Nunes

Graduanda em Psicologia pela Escola Superior Batista do Amazonas – ESBAM. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Plantonista do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Diretor acadêmico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM). E-mail: deboranunes@esbam.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6437-5723>

Rosangela Monteiro Lobato Balieiro

Graduanda em Psicologia pela Escola Superior Batista do Amazonas – ESBAM. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Plantonista



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Diretor acadêmico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM). E-mail: rosangelamlbalieiro@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3118-4426>

Ewerton Helder Bentes de Castro

Doutor em Psicologia pela FFCLRP/USP. Professor Associado da Faculdade de Psicologia/UFAM. Docente do curso de graduação e do Programa de Pós-graduação em Psicologia (FAPSI/PPGPSI/UFAM). Líder do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Coordenador do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Coordenador do Projeto de Extensão Plantão psicológico em escolas do sistema de ensino público em Manaus (FAPSI/UFAM). Coordenador científico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM) E-mail: ewertonhelder@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>